

IN MEMORIAM: P. MAURÍCIO CELESTINO FERNANDES

(10-06-1905 / 18-03-1980)

O Pe. Maurício Celestino Fernandes foi vigário da paróquia de Nossa Senhora das Graças, do Banco de Areia (ou bairro de Rocha Sobrinho), durante cerca de vinte anos. E da querida paróquia, à qual dedicou os últimos anos de vida sacerdotal, não sairia, se não fosse a doença que o acometiu com passo rápido.

Quem era o Pe. Maurício?

Foi um padre humilde e simples que procurou desempenhar bem a sua missão sacerdotal. Dentro de limitações que ele humildemente reconhecia, procurava acompanhar o crescimento da paróquia, da diocese, da Igreja. Sentia dificuldades em aceitar mudanças mas, com boa vontade, fazia esforços para assumir a Pastoral e as modificações do Vaticano II. Muitas vezes vinha falar comigo, para pedir explicações e expor dificuldades práticas, e com toda humildade confessava os problemas que encontrava com certos grupos de leigos que avançavam demais, que limitavam demais a autoridade do vigário. Eu dava explicações, conciliava, tentava mostrar o lado positivo da ação de certos grupos leigos. E ele, com humildade, saía mais animado e satisfeito.

O Pe. Maurício nasceu no Recife, em 10 de junho de 1905. Durante muitos anos nosso Boletim Diocesano, baseado em informações do próprio Pe. Maurício, trazia 1915 como ano de nascimento. Só recentemente é que o engano de 10 anos foi corrigido pelo Pe. Maurício e pelo irmão João Celestino Fernandes, oficial da Marinha. Era filho de José Celestino Fernandes e de Benvenida Almeida Fernandes, já falecidos. Era o mais velho de três irmãos. Fez os primeiros estudos com os salesianos, no Recife. E entrou para a Congregação Salesiana. Como clérigo salesiano estudou em Pernambuco e em São Paulo. Foi ordenado padre em São Paulo, em 8 de dezembro de 1940.

Campo de atividade para o Pe. Maurício foi Aracaju, Sergipe, como capelão do Hospital Santa Isabel e como professor do seminário. Mais tarde deixou a Congregação Salesiana, por motivos particulares. Foi trabalhar em Livramento do Brumado, do interior da Bahia, como vigário. Aí construiu um ginásio. Em Águas Claras, Minas Gerais, foi também vigário e construiu uma escola. No tempo em que D. Agnelo Rossi era bispo de Barra do Piraí, em 1959, o Pe. Maurício veio para a Baixada Fluminense. Durante algum tempo atendeu o povo do bairro que é hoje o Km-11, onde só havia uma capelinha. Depois foi para o bairro de Banco de Areia, hoje oficialmente chamado de Rocha Sobrinho.

No Banco de Areia tudo estava por fazer. A população já era numerosa, mas dispersa. Não havia nenhum sinal de Igreja Católica. Havia sim numerosíssimos terreiros de Umbanda e diversos

templos protestantes. Com muita coragem o Pe. Maurício arranhou um terreno, construiu a casinha paroquial que foi sempre modesta, e começou as obras da igreja matriz. Foram anos de muito sacrifício e de não poucas decepções. A pobreza de meios financeiros dificultava as obras que andavam muito devagar, de acordo com a necessidade e nem sempre segundo uma planta. Não faltavam no entanto as alegrias. Quantas vezes o Pe. Maurício me disse: «Há uns sujeitos errados na paróquia. Onde é que não há? Mas o povo é muito bom». Enquanto construía a igreja de Nossa Senhora das Graças, pensava também numa escolinha. Chegou a construí-la e deu-lhe o nome de São João Bosco. O Pe. Maurício sempre se conservou ligado espiritualmente a São João Bosco e à Congregação Salesiana. A escolinha funcionou durante alguns anos, com muito sacrifício do P. Maurício e das professoras que lhe davam colaboração. Mas teve de fechar, pelas dificuldades que têm pesado sobre todas as nossas escolas paroquiais. O P. Maurício sofreu muito com o fracasso, mas pensava em reabri-la no momento oportuno, para atender as crianças pobres da paróquia. Apesar de tudo, com humildade e certo bom humor, o P. Maurício, que era vagaroso de temperamento, recomeçava tudo, confiando em Deus e nas pessoas. Eu gostava de perguntar: «Como é que vai sua basilica, P. Maurício?» Ele achava graça e dizia: «Pois é, D. Adriano, não é fácil não, mas a gente vai levando com a graça de Deus».

Em maio de 1978 deixou a paróquia. A esclerose adiantara rapidamente e não permitia mais o trabalho paroquial. A renúncia custou. Mas com humildade, como sempre, venceu as dificuldades e aceitou a nova situação. Foi morar, com a família, na casa que a diocese tem na Rua Brasil, em Nova Iguaçu. Em silêncio, humildade e resignação aceitava tudo, para cumprir a vontade do Pai. A doença foi progredindo apesar dos cuidados médicos. Na noite de 18 para 19 de março de 1980, pelas 23 e meia, expirava o P. Maurício na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima onde fora internado.

Na Santa Missa de corpo presente, concelebrada pelo bispo diocesano e dezessete padres, D. Adriano ressaltou a fidelidade e humildade com que o P. Maurício serviu os irmãos e exerceu o seu sacerdócio. O enterro foi muito concorrido. P. Maurício descansa em Deus. Nós conservamos sua lembrança, seu esforço pastoral, sua humildade, como exemplo para o bom desempenho de nosso ministério. Esperamos que ele continue acompanhando a caminhada de nossa diocese e de sua comunidade do Banco de Areia. (A.H)

NI 18-10-81

IN MEMORIAM: P. FLORÊNCIO DE BOK SSCC.

(31-03-1914 / 24-09-1980)

Na quarta-feira, 24 de setembro de 1980, o P. Florêncio celebrou a S. Missa das oito e meia, na matriz de S. Margarida Maria, na Lagoa (Rio). Como de costume. Aí sentiu-se mal. Foi atendido, mas com pouco mais falecia, vítima de um der-

rame. Tinha 66 anos completos, com 42 de padre e 41 de trabalhos pastorais no Brasil.

O P. Florêncio, cujo nome civil era Petrus Wijnandus de Bok, nasceu em Made na Holanda, em 31 de março de 1914, quando se aproximava o

flagelo da Primeira Grande Guerra. Depois dos estudos preparatórios e do noviciado fez a profissão religiosa na Congregação dos Sagrados Corações (Picpus) em Ginneken. Completou os estudos superiores em casas da Congregação e foi ordenado padre em 31 de julho de 1938, na Holanda. E já em 1939, quando se adensavam as nuvens da 2ª Grande Guerra sobre a Europa, o P. Florêncio foi mandado para o Brasil. Aqui foi professor nos colégios e seminários da sua Congregação, durante muitos anos. Sempre fiel e consciencioso.

Quando cheguei a Nova Iguaçu em novembro de 1966, o P. Florêncio já trabalhava no Parque Flora. A Congregação dos Sagrados Corações veio para a Baixada pela mão da grande benfeitora da diocese de Nova Iguaçu que é Dona Alice Vidal de Oliveira. Atendia a vasta região que vai do Parque Flora até Tinguá, incluindo Miguel Couto. O P. Florêncio dedicou por mais de 20 anos os fins de semana e os feriados ao atendimento do Parque Flora, de Miguel Couto, Adrianópolis, Santa Rita, Vila de Cava, Iguaçu Velho e Tinguá.

Aos poucos foi-se delineando uma nova estrutura paroquial. Cedo foi criada a paróquia do Parque Flora, desmembrada da Catedral. Depois, desmembradas do Parque Flora, nasceram as paróquias de Miguel Couto, Tinguá, Santa Rita e Vila de Cava. Vieram novos padres. Vieram irmãs. Os padres da Congregação do Espírito Santo assumiram a paróquia de Miguel Couto. As irmãs da Santa Cruz de Ingenbohl ficaram encarregadas das paróquias de Tinguá e de Santa Rita. Coube às irmãs Josefina de Cúneo a paróquia da Vila de Cava.

O P. Florêncio via assim modificada a área de seu antigo e fecundo trabalho. E mais do que a área geográfica, mudava-se também o estilo pastoral. Apesar das mudanças que não lhe custavam pouco, o P. Florêncio ficou firme e fiel na ajuda que dava às paróquias novas de Tinguá, Vila de Cava e Santa Rita. Tinha às vezes pequenas dificuldades para aceitar as irmãs como «vigárias», suspirava, reclamava um pouco, mas o amor era mais forte: continuava fiel, sem desanimar, sem encurtar seu zelo pastoral de estilo conservador. As boas irmãs, reconhecendo o apostolado fiel do P. Florêncio, procuravam também contornar as pequenas dificuldades e adaptar-se. Aos sábados e domingos, nas horas marcadas, com chuva ou sol, lá estava o P. Florêncio firme e fiel no seu posto de serviço e sacrifício.

A maior parte dos nossos padres não conhecia o P. Florêncio. Raramente o víamos nas reuniões pastorais. Durante um tempo começou a participar, a pedido meu. Fazia mais um sacrifício de vir do Rio assistir a algumas reuniões. Mas não agüentou muito tempo. «Eh, senhor bispo, dizia ele com um pessimismo bem-humorado, estas reuniões acabam comigo, de sorte que não sobra mais nada para o povo». Mas sempre conservou a ligação profunda com o bispo, com o presbitério de Nova Iguaçu, com os confrades que trabalhavam no Parque Flora. No Rio era o esmoler dedicado e pontual, a serviço das vocações da sua Congregação e das comunidades do Parque Flora. Tinha um programa bem organizado de visitas às famílias, aos bancos, aos negociantes. Para ajudar e servir. Chamei-o uma vez de «trator de Deus». Porque o P. Florêncio ia abrindo caminhos e sulcos para o lançamento da Palavra de Deus. E sempre ressaltai nele a fidelidade. Era aquilo que na gíria chamamos o «pé de boi» — aquele que sempre está presente, que sempre assume o seu dever, aquele com quem podemos contar.

A Diocese de Nova Iguaçu é grata ao P. Florêncio pelo muito que fez por nosso povo durante mais de 20 anos. É grata aos Padres dos Sagrados Corações pelo muito que têm feito em nossa região. É grata ao casal Francisco Rodrigues de Oliveira-D. Alice Vidal de Oliveira que tanto fez pela Diocese de Nova Iguaçu e pelo Parque Flora.

O Sr. Francisco já é falecido. Dona Alice pôde ver e vê ainda o progresso da Baixada Fluminense, o crescimento da diocese e o dinamismo pastoral que o Espírito Santo vem despertando entre nós para o bem do povo humilde da Baixada. Temos certeza, a certeza da Fé, de que o P. Florêncio continuará, do céu, trabalhando pelo povo da Baixada. Também pelo povo da Zona Sul, por tantas pessoas que o ajudavam no apostolado de esmoler de Deus em favor dos seminários de sua Congregação e em favor dos pobres de nossa diocese. Deus o recompense. (A.H.)

NI 18-10-81

CÚRIA DIOCESANA

1. COMUNICADOS

Comunicado 02/91 Domingo das Missões (18-10-81)

No domingo 18 de outubro celebramos o Dia das Missões. Nossa Igreja é essencialmente missionária. Porque recebeu de Jesus a «missão» de anunciar o Evangelho a todos os povos. Porque na linha de Jesus Cristo foi mandada pelo mundo afora, como serviço da caridade prestado aos irmãos. Mais do que uma instituição que procura sobreviver e crescer por amor de si mesma, a razão de ser mais profunda da Igreja está precisamente no ser serviço da caridade. Assim como Jesus Cristo que disse: «O Filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos» (Mt 20,28).

Uma diocese que queira viver a sua fidelidade à Igreja e a Jesus Cristo tem de ser uma diocese missionária. Em dois aspectos: missionária para dentro e missionária para fora.

O fato de a Igreja estar sempre em «estado de conversão» leva a nossa diocese a uma revisão constante e humilde de sua ação pastoral, de suas estruturas, de sua vontade de servir. Estamos realmente servindo? Nossa ação pastoral está marcada pelo espírito de serviço da caridade? Nossas estruturas e organizações e movimentos e instrumentos pastorais estão a serviço dos irmãos ou têm seu fim em si mesmos? Todas as vezes que celebramos a S. Missa, fazemos logo no início uma pausa de reflexão sobre nós mesmos, reavivamos nossa conversão «para celebrarmos dignamente os santos mistérios». De vez em quando todos os responsáveis pela pastoral de nossa diocese deveriam voltar suas atenções para esse aspecto interno da «missão» de nossa Igreja: como estamos servindo o Povo de Deus aqui em nossa baixada?

Mas a essência missionária da Igreja não se esgota nessa «missão» interna que leva sempre de novo à conversão, para produzir uma crescente e profunda identificação com Jesus Cristo. Outro aspecto da «missão» da Igreja é a preocupação maternal com aqueles filhos de Deus que estão «fora». O ecumenismo, com sua procura da unidade das confissões cristãs, bem como o envio de «missionários» aos povos pagãos, são dois momentos importantes na vida da Igreja como serviço da caridade. A Igreja tem o dever inalienável de evangelizar todos os povos e todos os grupos humanos, sem exceção. Ela existe para a salvação de todos. Aqui nos perguntamos como é que está o esforço ecumênico de nossa diocese? Temos alguns fatos promissores, mas quanto ainda nos resta fazer. E nosso interesse pelas «missões» entre os não-cristãos? E nossa visão do Reino de Deus? Evidentemente as «missões» católicas se vêm hoje colocadas em questão. Os desafios da liberdade de professar sua religião atingem também as «missões» católicas e cristãs. Não podemos forçar ninguém à conversão. Temos de respeitar a liberdade religiosa de todas as pessoas. Graças a Deus, não temos hoje mais a proteção do Estado e de grupos do poder em nosso esforço missionário. Não precisamos mais do Império para propagar a fé. Daí por que contamos somente

com a força da verdade do Filho de Deus que se encarnou entre os homens para morar definitivamente entre nós. A nossa força é a força da graça de Deus somente. Se aprofundarmos este pensamento, veremos como as «missões» da Igreja não só continuam atuais e necessárias mas também são postas na faixa da graça e do amor de Deus. Com respeito pleno à liberdade do homem. No Dia das Missões, que de alguns anos a essa parte é um dos pontos altos da Pastoral de nossa diocese, temos de levar o ideal missionário, em toda a sua riqueza de aspectos evangélicos, a todas as nossas comunidades e a todos os nossos movimentos.

Por isto mesmo em todas as paróquias e em todas as comunidades de nossa diocese se dará a maior importância à oração, à reflexão, ao engajamento missionário. Todas as pregações do domingo 18 de outubro deverão tratar do assunto «missões», em seus mais diversos aspectos, com o objetivo de aprofundar melhor seu compromisso missionário. Uma Igreja sofredora, como é a Igreja de Nova Iguaçu, tem elementos básicos muito importantes para ser uma Igreja missionária. — Nova Iguaçu, 29 de setembro de 1981.

† Adriano, bispo diocesano

2. AVISOS

Aviso 27/81: Ordenação na Catedral

No domingo 4 de outubro, festa de S. Francisco de Assis, o bispo diocesano ordenará diácono ao nosso seminarista Gilberto Teixeira Rodrigues. Nossa diocese alegra-se com esta segunda ordenação diaconal em poucos meses e vê nesses acontecimentos uma perspectiva de esperança para as vocações da Baixada Fluminense em futuro próximo. Pedimos a todas as comunidades que rezem por Gilberto e pelas vocações de Igreja em nossa diocese, no Brasil e no mundo. A Gilberto damos os parabéns. E prometemos rezar para que persevere na sua vocação sacerdotal, para serviço dos irmãos da nossa Baixada. — Catedral, 28-09-81 — P. Mateus, vigário-geral.

Aviso 28/81: Nova Caixa Postal da Cúria Diocesana

Avisamos mais uma vez que é preciso modificar nos endereços o número de nossa Caixa Postal em Nova Iguaçu. Não é mais CP 22, como era desde 1966. No começo do ano de 1981 a Agência dos Correios de Nova Iguaçu comunicou que o

novo número é CP 77285. Peça que todos anotem o novo número e comuniquem às pessoas interessadas. — Catedral, 28-09-81 — P. Mateus, vigário-geral.

Aviso 29/81: Dia das Missões (18-10-81)

O Dia das Missões e a abertura da Campanha da Fraternidade são dois pontos fortes na Pastoral de nossa diocese. Nesses dias as comunidades procuram concentrar-se na Catedral e celebrar com o bispo diocesano a Sagrada Eucaristia em sinal de unidade eclesial. No domingo 18 de outubro próximo as comunidades se concentram na Praça da Liberdade, a partir das 15 horas. Em seguida vamos todos juntos até a Catedral onde haverá a S. Missa celebrada este ano, não por D. Adriano que está ausente, mas por D. Mauro Morelli, bispo diocesano de Duque de Caxias que fará a pregação também. Pedimos a todas as comunidades que compareçam, devidamente identificadas com cartazes e faixas, à grande concentração diocesana do Dia das Missões. — Catedral, 28-09-81 — P. Mateus, vigário-geral.

Aviso 30/81: João Paulo II: terceiro aniversário

Passa no próximo dia 16-10 o 3º aniversário da eleição do cardeal Karol Wojtyła, arcebispo de Cracóvia (na Polônia), como sucessor de João Paulo I. O novo Papa, para exprimir ainda mais a síntese do nome de seu antecessor, chamou-se João Paulo II: tentava assim, pelo nome, unir João XXIII, Paulo VI e João Paulo I. Todos sabemos o que tem sido o ministério de João Paulo II nestes breves anos de pontificado. Está em nossa lembrança, muito viva, a viagem de 12 dias que o Santo Padre realizou no Brasil no ano passado. Bem viva também a recordação do atentado que o feriu e feriu a Igreja universal no dia 13 de maio deste ano. Toda a Igreja participou do sofrimento do Papa e rezou por ele. Temos motivo suficiente para agradecer a Deus o presente do Papado à sua Igreja e o presente de João Paulo II à Igreja de nosso tempo. Com nossas orações queremos sempre acompanhar o Santo Padre no seu serviço pontifical: ser sinal da unidade para a Igreja visível. — Catedral, 28-09-81 — P. Mateus, vigário-geral.

Encerramento deste número do BD: 28-09-81. Endereço: Cúria Diocesana — C. postal 77.285 — 26000 Nova Iguaçu — Av. Mal. Floriano Peixoto, 2262, tel. (021)767-7943 — Estado do Rio de Janeiro.

ENTREVISTA DE D. ADRIANO COM O REPÓRTER ALÍPIO DE FREITAS (18-11-80)

para a «Tribuna da Imprensa» (Rio)
para «O Jornal» (Portugal)

1. *Repórter:* A Baixada Fluminense, dentro da qual se situa sua diocese, é um dos lugares do mundo de maior índice de violência. A que atribuir isso? Qual a contribuição do Governo, para aumentá-la ou diminuí-la? É a Igreja como se situa diante deste problema?

D. Adriano: A violência fere a dignidade da pessoa humana e de nossas comunidades. E por isso deve preocupar a Igreja. Também a Igreja, em seus membros, se vê atingida pela violência. Se agora a Baixada é um dos lugares mais violentos do mundo, não sei dizer. Tenho minhas dúvidas, já que faltam estatísticas sérias. O fato mais chocante é que os crimes, em sua grande maioria, ficam impunes. A impunidade protege os criminosos. A certeza de que as estruturas sociais de defesa da população aqui não funcionam oferece condições favoráveis para os criminosos e marginais. A Baixada Fluminense foi sempre incapaz de sensibilizar os Governos estadual e federal. Aqui vive uma população abandonada, entregue à sua própria sorte. Aqui não funcionam os organismos de defesa social. Como se trata de uma população pobre com pequenos bolsões de elite, as elites do poder tratam a Baixada como uma

grande favela. Povo marginalizado, sem direitos. É verdade que o primeiro Governo da fusão fez alguma coisa pela Baixada, sobretudo no que diz respeito à pavimentação de ruas e de estradas, também no setor de educação e de saúde. Assim mesmo uma gota d'água. Pois os erros vêm de longe e precisariam de um programa denso, rápido, de emergência para serem corrigidos em seus principais aspectos sociais. A Igreja tem aqui um papel importante. Além de atividades subsidiárias no setor de saúde, de educação, cabe à Igreja um importante papel conscientizador. Com meios pacíficos a Pastoral parte da fé, para despertar no povo marginalizado da Baixada Fluminense a consciência da dignidade do seu valor. Este povo, trabalhador, ordeiro, bom, merece melhor sorte. Merece melhores dias. Mas estes dias nunca virão, se o povo mesmo não assumir o seu destino e a sua história.

2. *Repórter:* Sabe-se que V. Revma. e a sua diocese foram um dos alvos principais do terrorismo de direita no Brasil. A que atribuir essa ação? Essas pressões continuam?

Dom Adriano: As atividades pastorais da Diocese de Nova Iguaçu correspondem ao esforço pastoral da Igreja do Brasil. Orientam-se os documentos conciliares e, dentro da realidade latino-americana,

as conferências episcopais realizadas em Medellín (1968) e em Puebla (1979). Desta última e das três sessões do Concílio Vaticano II em 1963, 1964 e 1965, eu tomei parte. O que acontece na Diocese de Nova Iguaçu é, em última análise, o que está acontecendo na Igreja de nosso país. Os problemas sociais, como expressão de um estado de pecado comunitário, significam um desafio para a Pastoral, precisam encontrar na Pastoral a resposta evangélica de libertação e de graça. Nosso trabalho pastoral é devedor somente da Fé da Igreja, não tem conotações ideológicas, não contém nenhuma aspiração política. E no entanto, aqui como em outras áreas críticas do Brasil, movimentam-se grupos radicais que podem ser de direita, mas podem ser também expressão de grupos corruptos lutando pela sobrevivência, alarmados pela perspectiva de participação do povo no processo social — esses grupos, venham de onde vierem, sentem-se ameaçados na sua situação privilegiada de poder e por isso recorrem a todos os meios, para combater e anular o esforço pastoral de conscientização do povo que a Igreja faz. Se a Pastoral se ocupasse exclusivamente com a pregação teórica e distante do amor, se a Igreja assumisse apenas iniciativas de assistência social, se o bispo, o clero e os agentes de Pastoral vivessem de mãos dadas e aliados com os grupos do poder e das elites, nunca haveria entre nós áreas de conflito nem crises. Os grupos de poder, as elites do poder são tremendamente coerentes e solidários. Bem vistas as coisas, os conflitos existentes aqui na Baixada Fluminense e em outras regiões do Brasil provêm do fato de que a Igreja se desligou dos poderosos e se voltou, como opção pre-

ferencial, para os pobres, isto é: para o povo. Tenho certeza de que nos diversos escalões do Governo, em nível federal, estadual e mesmo municipal, há políticos e técnicos bem intencionados e clarividentes, que conhecem os profundos abusos e gostariam de enfrentá-los com decisão. Mas o problema nunca terá solução satisfatória, se o povo ficar por fora das soluções e continuar marginalizado. Sem a aliança do povo, os governantes bem intencionados fracassam diante dos interesses das elites e também diante da falta de verbas adequadas. O povo precisa participar. Precisa assumir. E quando o povo participar e assumir — para isto se dirige o nosso esforço de conscientização — estaremos bem perto de soluções razoáveis para os nossos problemas sociais. Importante será também que os governantes bem intencionados tentem com energia e decisão simplificar a burocracia estafante e corruptora que anula as boas intenções e inferniza a vida do povo. Soluções de cúpula, sem participação do povo, não resolvem nada definitivamente. Um prefeito diz assim ao bispo: «Não é preciso que o povo saia às ruas para fazer reclamações, basta que o senhor me telefone e eu mando fazer o que o senhor pede». Com isto se prolonga indefinidamente a marginalização do povo e por isso mesmo o estado de pecado social em que nós vivemos. Soluções de cúpula contribuem para agravar os nossos males, apesar das aparências em contrário. Diante destas colocações, será estranho que a condenação da Igreja e as pressões morais através de campanhas, de calúnias, de deformações etc. continuem aqui na Baixada e em outras áreas difíceis do Brasil? (Continua)

CALENDÁRIO PASTORAL E SOCIAL SETEMBRO/1981

- 01 r(09,00h) Mensal pastoral, CFL
03 r(15,00h) CVicarial, CEPAC
o(1960) Humberto van der Togt MSC, vig. ep. vSAG
04 e(09,00h) ensino religioso, CEPAC
SFr
o(1965) Carlos Sebastião Mesquitela, vQ-SFr
05 r(10,00h) CDJust. e Paz, CFL
06 e(08,30h) vocacional, CEPAC
(09,00h) S. Missa e Crisma, Cabral/Olinda
n(1945) Valdir Oliveira vMesq
07
n(1914) Aloisio Rucha vCSO
08 r(09,00h) CDiocesano, CO
10 r(14,30h) Secret. Dioc. de Past., CEPAC
13 r(09,00h) coord. geral de POP, CO
e(09,00h) auxiliares da Eucaristia, CFL
15 r(14,30h) CDioc. Voc., CEPAC

- r(09,00h) CPresb. e reunião do clero, CO
n(1948) Renato Schaefer SJ, cLXV
m(1969) Dr. Friedrich Wilhelm Doepner
17 r(15,00h) CVicarial, CEPAC
n(1928) M. Pascoalina Paúra NSV, H
18 o(1948) Tarcísio Bezerra França cNI-Fát
19 r(10,00h) CDJust. e Paz, CFL
r(14,00h) animadores de Círculos Bíblicos, CEPAC
n(1932) Guilherme Steenhouwer S S C C, vPFI
20 (10,00h) palestra da CDJust. e Paz, IESA
(16,00h) inauguração da capela de Cristo Redentor/Heliópolis
21 o(1929) Mons. Arthur Hartmann vO
22 r(09,00h) CDiocesano, CO
24 r(19,00h) Secr. Dioc. de Pastoral, CEPAC
m(1980) Florêncio de Bok SS.CC.
26 r(10,00h) coord. A.C.O., Califórnia
(14,00h) encerramento do curso sobre Igreja/Cáritas, IESA
27 r(14,00h) mensal das religiosas, CO

CALENDÁRIO PASTORAL E SOCIAL OUTUBRO 1981

- 01 n(1939) Blandina Specha SC, rrSRita
r(15,00h) CVicarial, CEPAC
03 r(10,00h) CDioc. Just. e Paz, CFL
04 e(09,00h) vocacional para jovens, CO
(10,00h) S. Missa e ordenação diaconal, NI-Cat
n(1944) Marcos Ockermann CIC, cSMar
06 r(09,00h) mensal de Pastoral, CFL
r(15,00h) Com. Dioc. de Voc. e Missões, CEPAC
07 v(1940) Alcântara FB, NI
08 r(15,00h) Secr. Dioc. de Pastoral, CEPAC
11 n(1953) Luís Roberto Portillo Salomón, cNI-Cat
r(09,00h) Coord. POP, CO
s(1959) D. Honorato Piazeria SCJ, Lajes
13 r(09,00h) CDioc., CO
15 r(15,00h) CVicarial, CEPAC
16 n(1910) Côn. Luís G. Passos dos Santos, vRSobr

- n(1937) Geraldo João Lima, ass. nac. JOC, São Paulo
17 r(10,00h) CDioc. Just. e Paz, CFL
18 o(1942) bispo diocesano
Domingo das Missões
p(10,00h) CDioc. Just. e Paz: D. Mauro
19 n(1929) Alberto da Fonseca Lopes CSSp, cQ-Con
n(1953) Orlando do Nascimento (dioc. Nazaré, PE)
20 n(1919) Inês Pasa FB, Ni
r(09,00h) do clero, CPresb., CO
22 r(15,00h) Secr. Dioc. de Pastoral, CEPAC
24 r(09,00) coord. A.C.O., CEPAC
25 o(1942) Francisco Sancho de Assis, vA
r(09,00h) CDioc. de JOC, CO
27 n(1920) Dom Walmor Battú Wichrowski, PAlegre
28 n(1928) Manoel Monteiro Carneiro, cK-11, chanceler
28/31 63º Curs. p. Homens, Nosso Lar
29 r(15,00h) Secr. Dioc. de Pastoral, CEPAC
30 n(1922) Cristina Mendonça, FS, P